

Furio Lonza

contos

de

amor,

ódio

**e
sacanagem**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Renato Gomes

FOTOS E ARTE DAS CAPAS
Thiago Sacramento

MODELOS
Orelha esquerda: Francine Xavier.
Capa (sentido horário): Brunna Napoleão, Mayara Voltolini, Lydia del Picchia,
Damiana Inês e Carol Godinho.
4ª capa (sentido horário): Adriana Sieffert, Monique Vaillé, Naara Barros, Catarina Saibro, Hanna 23, Raquel
Albuquerque, Flávia Fafiães, Verônica Machado e Clara Santhana.
Orelha direita: Luca Andrade.

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L862c	Lonza, Furio. 1953 – Contos de amor, ódio e sacanagem / Furio Lonza. - Guaratinguetá, SP : Penalux, 2017. 292 p. ; 16 cm x 23 cm. ISBN: 978-85-5833-296-5 1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.
2018-39	CDD 869.8992301 CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301
2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Laurinha, a Santa

A primeira vez que quis matar minha mulher foi no Natal passado. Um olhar dela foi o suficiente. Dizem os entendidos que os olhos refletem o que vai pela alma. Revelam o que sentimos (mas que, por pudor, não divulgamos), o que pensamos (mas ainda não conseguimos verbalizar), o que intuímos, o que almejamos. Há uma pergunta, contudo, que pode ocorrer ao leitor mais curioso (ou sensato): um olhar espremido entre duas batidas de pálpebras pode explodir dentro de alguém a vontade de tomar uma atitude dessas proporções? Eu respondo: pode. Diante disso, já sei o que vocês estão pensando: aquele olho exalava rancor, ódio, raiva, repulsa, desprezo. Ou indiferença. Como todos sabem, a indiferença é a arma mais poderosa que o ser humano inventou. Seu efeito é letal na medida em que paralisa, transforma o sujeito numa massa amorfa de nada. Você se torna invisível. Pode escalar o Himalaia vestido com uma armadura medieval, pode fazer acrobacias no topo da Torre Eiffel, pode pintar a Monalisa, pode inventar a roda, que ninguém vai notar. Ou resignação. Como se nada mais pudesse ser feito, tudo já foi tentado, e a vida escorre pelo ralo com a naturalidade da água que algum dia foi útil para alguma coisa prática, mas que hoje simplesmente estagna, cria limo e apodrece.

Nada disso aconteceu: nem repulsa, nem indiferença, nem resignação. Aquele olhar tinha uma docilidade exemplar, como se ela estivesse acompanhando os passos de um mimoso carneirinho passando placidamente num campo verdejante & bucólico.

Por outro lado, o Natal é a festa em que todos se confraternizam na maior intimidade sem que saibam exatamente por quê. É

uma coisa compulsiva. Existe um clima escancarado de fraternidade; todos são solidários, lembram de fatos e episódios edificantes, as pessoas insistem em se mostrar boas, íntegras. Há uma ambiguidade no Natal que me confunde: a festa acontece no dia anterior, dia 24; na véspera, portanto, pois Cristo nasceu no dia 25. Qual o sentido disso? Geralmente, os eventos são comemorados no dia em que aconteceram. Há argumentações que pretendem explicar esse fenômeno: alguém me disse (ou li em algum lugar) que Cristo nasceu à meia noite (uma hora neutra, portanto); o dia foi escolhido posteriormente e de forma aleatória, à revelia do calendário, com o objetivo de coincidir com as festas pagãs, pois o imperador romano pretendia ser simpático com o povo. Etc. etc.. Nada que me convencesse, no entanto, mesmo porque o inverno de Belém (para onde eles estavam indo para o recenseamento obrigatório) não era pra qualquer um e a família real (segundo as Escrituras) andou léguas e léguas até chegar lá. Muito improvável que uma criança recém nascida resistisse um minuto naquele inverno gelado. Bafo de boi algum poderia resolver a questão. A hipótese mais provável é que nem deva ter sido em dezembro, talvez em maio ou agosto, isso sem contar com as modificações feitas posteriormente pelo calendário gregoriano.

Mas há outro aspecto no Natal que me encanta de maneira mórbida. Nunca entendi como as pessoas podem rejubilar-se diante de um acontecimento que tem na sua origem uma tragédia de proporções ainda não devidamente avaliadas. Explico: uma mulher virgem que dá a luz um filho é um caso que (antes de entrar para a crônica policial sensacionalista) merece ser estudado a fundo. Nem a mitologia grega mais bandalha conseguiu conceber algo tão escabroso. Édipo comeu a mãe depois de adulto, sem saber que ela era sua mãe. Matou o próprio pai sem saber que era seu pai. Mesmo com essas atenuantes, ele assumiu a própria culpa e cegou-se. O Cristianismo nasceu sob a égide de um estupro (mesmo que de dentro para fora): o filho desvirginou a própria mãe. No Natal, portanto, segundo o ponto de vista, estamos comemorando o incesto mais precoce da

história da Humanidade. Mas ninguém comenta isso. Foi justamente nessas alturas do campeonato que recebi aquele olhar complacente de minha mulher, pois eu tinha resolvido (depois do quinto copo de vinho) colocar na mesa essa discussão polêmica do incesto seguido de estupro. Ou vice-versa. Todos me olharam com asco. Postaram-se na defensiva. Subiram nas tamancas. Houve um levante generalizado das hostes mais conservadoras. Mas ninguém retrucou nada, apenas esperaram, brindando-me com o silêncio mais provocador da face da Terra. Atitude que entendi como proporcional ao ataque. Cada ação deve ter uma reação equivalente (em força e intensidade). Isso é um pressuposto científico básico, que botamos em prática na vida nos locais e horas adequados. Minha mulher estava na contramão. Queria me anular com um excesso de compreensão, usava o amor como arma para me neutralizar. Me lembro como se fosse hoje. Isso é inadmissível, disse para mim mesmo, todas as pessoas têm seus limites. Quando hostilizadas, rebatem, retrucam, se sentem incomodadas. Esse olhar meigo não corresponde a nenhuma lógica aceitável.

Desde que nasceu, Laurinha sempre foi uma menina mimada à exaustão. Na infância e na adolescência. Até os seis ou sete anos de idade, tudo nela era pronunciado no diminutivo: a boquinha, o narizinho, as orelhinhas, o joelhinho. O nome não podia fugir à regra. Caçula de quatro irmãos (os outros três machos), foi eleita pelos pais o bendito fruto. Recebia todas as regalias da casa: era a única com um quarto próprio; tinha direito a todas as guloseimas que estavam na geladeira; ganhava mais presentes que os outros no Natal. Era a princesa, a prioridade. Como golpe de misericórdia, só para deixar claro que o destino tinha feito seu dever de casa com esmero, ela era a única de olhos azuis numa família inteirinha de olhos castanhos. No começo, imaginei que sua atitude em relação a mim fosse uma retribuição justa em relação a tudo que tinha recebido naquele reino edênico. Ela simplesmente devolvia o carinho, a afeição, achava que o mundo era assim, as pessoas eram assim. No entanto, não demorou

muito para que eu percebesse as verdadeiras intenções de Laurinha. Ela não admitia que alguém fosse mais importante que ela, que recebesse mais atenção. Numa conversa, numa reunião de amigos ou parentes, na sociedade como um todo. Seu plano era cruel e maquiavélico: concordava comigo em tudo. Desde nosso primeiro encontro, ela nunca foi contra coisa alguma. Tudo o que eu dizia, que eu pensava ou fazia (mesmo quando estava errado), Laurinha me apoiava. Havia ternura, havia carinho, havia suavidade nas suas palavras, ela era branda, afetuosa, ela era doce nas suas atitudes. Com o tempo, percebi que aquilo me fazia mal, ficava inseguro, pois não sabia mais o que era certo e o que era errado. Tinha perdido os parâmetros. Tinha perdido o rumo. Isso teve uma reação brutal em meu caráter: parei de falar tanto. Ficava remoendo se seria conveniente ou não dizer tal coisa na presença de determinadas pessoas; argumentar ou calar-me diante de uma opinião contrária à minha; aceitar ou recusar um convite de um grupo de amigos que eu tinha claras reservas. Eu tinha me tornado um gago mental, um cachorrinho numa coleira, um verme social. Minha personalidade descia ladeira abaixo.

Às vezes, me revoltava (como no episódio do Natal passado) e resolvia agir por conta própria, mas eram casos isolados que não me traziam satisfação pessoal. Pelo contrário: amargava culpa por dias e dias, prometendo a mim mesmo voltar a ser mais comedido, mais discreto. Como vocês já devem ter percebido, Laurinha mais uma vez inovara seu estoque de artimanhas: tinha substituído as palavras doces por olhares meigos, mas a intenção continuava sendo a mesma: desestruturar-me. Pois ninguém podia arranhar um milímetro de seu ego, que pairava olímpico acima de todos.

Na verdade, não tinha certeza de que essa cruzada contra mim era totalmente consciente da parte de Laurinha. É possível que fosse apenas e tão-somente uma continuidade natural do estilo de educação e paparicos que recebera. Mas isso não importava mais, pois eu precisava me salvar. A ideia do assassinato veio de repente.

Assim, num átimo. Depois daquele olhar, pedi licença, me levantei e fui ao banheiro. O espelho me devolveu uma imagem medonha. Eu estava um caco. Olheiras fundas, cabelos desgrehados, barba de três dias. E suava muito nas têmporas e na testa. Apenas abri a torneira e coloquei a cabeça na pia. Água, pensei. Água é bom. Água alivia. Água purifica. Lava os maus pensamentos. O problema é que, quando voltei para o convívio dos parentes de Laurinha, no trajeto entre o corredor e a sala, percebi que nada havia mudado: a ideia continuava lá, no miolo de meus miolos, no centro da questão. Nos minutos que se seguiram, já sentado à mesa, comecei a pensar num método para me livrar dela e de seu amor humilhante com uma lucidez espantosa. Descartei logo de cara duas ou três maneiras mais clássicas, que poderiam me incriminar simplesmente porque eu era ignorante no assunto e incompetente de colocá-las em prática.

A noite terminou como sempre: depois da troca de presentes, nos despedimos e fomos para casa. Ainda não tinha decidido, mas minha mente flertava com o veneno. Se homeopaticamente administrado, com cálculo e sabedoria, seria possível me livrar de suspeitas. Laurinha definharia aos poucos, o organismo entraria em colapso, alguns órgãos deixariam de funcionar, perderia a memória ou a visão, algo assim.

O mais engraçado é que, depois daquela noite, várias vezes tive dúvidas sobre concretizar ou não meu plano: eu queria realmente que ela morresse? Fiquei remoendo a situação. A certeza se alternava com o receio numa velocidade alucinante. Afinal, que mal havia em Laurinha querer me anular? Não seria um problema exclusivamente meu (caráter claudicante, timidez, falta de ímpeto)? Quanto ao método: qual homem não quer ser bem tratado pela esposa? Com ternura, com docilidade, com amor exclusivo e exacerbado. Se eu contasse para alguém o meu martírio, quem entenderia?

A segunda vez que pensei em matá-la aconteceu três meses depois. E a causa não foi uma palavra, não foi um olhar. Foi (acreditem se quiserem) uma trepada. Aconteceu o seguinte: houve um

tempo de calma, quando meu desassossego entrou em stand by. Passamos a nos entender, pois ela (provavelmente usando mais um de seus artifícios) passou a sugerir uma mudança no meu vestuário: a gravata vermelha no lugar da preta (que eu adorava), um tipo de calçado mais esportivo no lugar do clássico que eu vinha usando desde sempre, moderação no drinque antes das refeições (um apenas, no lugar de dois) e assim por diante. Não havia recriminação, vejam bem, não havia críticas, ela continuava com seu estilo amoroso, quase submisso, mas achei que aquilo era promissor. Uma noite, porém, quando voltava do trabalho, encontrei-a deitada na cama com um baby-doll (não sei se ainda se diz assim), enfim, uma roupinha transparente e curta que lhe deixava as maravilhosas coxas de fora. Estava de costas, cabelos esparramados no travesseiro, um odor de perfume fino exalando para o ambiente. Vem cá, ela disse, senta aqui, e bateu a palma da mão duas vezes no colchão. Sentei. Começaram as carícias. Havia uma volúpia discreta. Havia vontade. E havia saudade, pois não me lembrava da última vez que aquilo tinha acontecido. Transamos. Depois, enquanto ela se arrumava, aconteceu: com sua voz agradável, Laurinha disse que eu era o único amor de sua vida, que nunca tinha conhecido um homem mais potente, mais denso, mais generoso. Afirmou que eu era um misto de Apolo com Dionísio, a encarnação do erotismo, que eu tinha mãos mágicas, que eu era a pessoa que mais sabia onde e como tocá-la, que eu lhe despertava zonas erógenas desconhecidas, que eu era seu garanhão, seu macho, seu cobridor. Que a satisfazia plenamente em todas as instâncias que uma mulher pode imaginar. Como marido, como amigo, como amante, como confidente. E finalizou de forma pateticamente adorável: com duas lágrimas que lhe escorriam pelas faces, acrescentou que gostaria de voltar a ser virgem, para que eu entrasse nela como se fosse a primeira vez.

Esse épico do endeusamento foi a gota d'água. Laurinha voltava à carga com energia redobrada. Era mais forte que ela, estava no sangue, sua índole não admitia possíveis recuos ou vacilos. Mas, convenhamos, eu não era nada daquilo. Aquelas descrições ficariam

melhor na figura de um sátiro libidinoso. Ficou muito claro que eu tinha de agir. E rápido. Minha sanidade estava em jogo. Passei então a pesquisar os diversos tipos de venenos que a Humanidade colocou em circulação nos últimos quinhentos anos. Comprei livros, conversei com especialistas, vasculhei a internet, falei com farmacêuticos. Tudo na maior discrição. Afinal, se eu estava querendo que minha mente voltasse a ser livre, seria uma contradição que a polícia me pegasse em flagrante pelo assassinato da esposa. O impasse surgiu logo de cara: qualquer uma daquelas substâncias poderia me incriminar na primeira oportunidade, pois seu princípio ativo seria invariavelmente detectado na corrente sanguínea até três dias depois da morte. Uma mini autópsia amadora seria o suficiente para me jogar numa penitenciária de segurança máxima.

Um dia, passando os olhos distraidamente pelas prateleiras de um sebo de livros do centro da cidade, deparo com um título: *Assassinato. Modo de usar*. Febril, folheei, pulei páginas, li trechos de capítulos, esquadrinhei tabelas. Atropelamento, gás, faca, revólver, enforcamento. Tinha um pouco de tudo. Fui direto para o texto que falava em venenos. E me fixei num nome em Latim bastante sugestivo, que prometia mundos & fundos. Não tinha qualquer contra-indicação: seu efeito era simples e discreto: amortecia aos poucos, agia nos músculos, minava a vontade, a vítima entrava paulatinamente num estado de torpor que poderia facilmente ser confundido com uma depressão de fundo psicológico. Administrado adequadamente, garantia a morte da pessoa em questão de meses. E o melhor de tudo: era assimilado pelo organismo até a última gota, nada restando no sangue. Passo seguinte: obtê-lo.

Não foi fácil. Entrei em contato com o submundo mais sórdido, marquei entrevistas em locais obscuros com um ex-presidiário, com um escroque assumido, com um cientista banido da academia. Cada qual com sua especialidade. O currículo do ex-presidiário, por exemplo, era exemplar: tinha noivado, casado e eliminado suas três mulheres (muito mais velhas que ele), herdando imensas fortunas. Mas algo deu errado e ele ficou preso durante trinta anos. Nada.



www.editorapenalux.com.br



penaluxeditora@gmail.com



[/editorapenalux](https://www.facebook.com/editorapenalux)